

# *El-Rei Seleuco*

## de Luís de Camões

(Diz logo o Mordomo, ou dono da casa:)

Eis, Senhores, o Autor, por me honrar nesta festival noite, me quis representar ùa farsa; e diz que, por não se encontrar com outras já feitas, buscou uns novos fundamentos pera a quem tiver um juízo assi arrazoado satisfazer. E diz que quem se dela não contentar, querendo outros novos acontecimentos, que se vá aos soalheiros dos escudeiros da Castanheira, ou de Alhos Vedros e Barreiro; ou converse na Rua Nova em casa do boticário, e não lhe faltará que conte. Porém, diz o Autor que usou nesta obra da maneira de Isopete. Ora, quanto à obra, se não parecer bem a todos, o Autor diz que entende dela menos que todos os que lha puderem emendar. Todavia, isto é pera pragueutos, aos quais diz que responde com um dito de um filósofo que diz: «Vós outros estudastes pera praguejar, e eu pera desprezar pragueutos.» E contudo quero saber da farsa, em que ponto vai. Moço! Lançarote!

MOÇO

Senhor!

MORDOMO

São já chegadas as figuras?

MOÇO

Chegadas são elas quase ao fim de sua vida.

MORDOMO

Como assi?

MOÇO

Porque foi a gente tanta; que não ficou capa com frisa, nem talão de sapato, que não saísse fora do couce. Ora vieram uns embuçadetes e quiseram entrar por força; e ilo arrancamento na mão: deram ùa pedrada na cabeça ao Anjo e rasgaram ùa meia calça ao Ermitão; e agora diz o Anjo que não há-de entrar, até lhe não darem ùa cabeça nova, nem o Ermitão até lhe porem ùa estopada na calça. Este pantufo se perdeu ali; mande-o V. M. domingo apregoar nos púlpitos, que não quero nada do alheio.

MORDOMO

Se ela fora outra peça de mais valia, tu botaras a consciência pela porta fora, pera a meteres em tua casa.

MOÇO

Oh! se o ela fora, mais consciência seria torná-la a seu dono, quem a havia mister pera si.

MORDOMO

Ora vem cá. Vai a casa de Martim Chinchorro, e dize-lhe que temos cá auto com grande fogueira que se venha Sua Mercê pera cá, e traga consigo o Senhor Romão d'Alvarenga, pera que sobre o canto-chão botemos nosso contra-ponto de zombaria. Ouves, Lançarote? Ir-lhe-ás abrir a porta do quintal, porque mudemos o vinte aos que cuidam de entrar por força.

(Indo-se o Moço, diz)

MOÇO

Chichelo de Judeu, assi como foste pantufo, que te custava ser ùa bolsa com um par de reales, que são bons pera escudeiro hipócrita, que são pouco e valem muito?

MORDOMO

Moço, que estás fazendo, que não vás?

MOÇO

Senhor, estou tardando, e porém estou cuidando que, se agora fora aquele tempo em que corriam as moedas dos sambarcos, sempre deste tiraria pera ùas palmilhas. Mas já que assi é, diga-me V. M. que farei deste?

MORDOMO

Oh! fideputa bargante! esperai, que estoutro vo-lo dirá.

(Faz que lhe atira com outro pantufo; vai-se o Moço e diz o)

MORDOMO

Não há mais mau conselho, que ter um vilão destes mimoso, porque logo passam o pé além da mão, e zombam assi da gravidade de seu amo. Mas, tornando ao que importa: Vossas Mercês é necessário que se cheguem uns pera os outros, pera darem lugar aos outros senhores que hão-de vir; que de outra maneira, se todo o corro se há-de gastar empalanques, será bom mandar fazer outro Alvalade; e mais, que me hão-de fazer mercê que se hão-de desembuçar, porque eu não sei quem me quer bem, nem quem me quer mal. Este só desgosto tem um auto, que é como officio de alcaide: ou haveis deixar entrar a todos, ou vos hão-de ter por vilão ruim.

(Entra Martim Chinchorro, falando com o escudeiro Ambrósio, e diz)

MARTIM

Entre V. M.

AMBRÓSIO

Dias há, Senhor, que ando de quebras com cortesias; e por isso vou diante. Beijo as mãos a V. M. A verdade é esta: passear com casa juncada, fogueira com castanhas, mesa posta com alcatifa e cartas; além disso, auto pera esgaravatar os dentes. Esta é a vida de que se há-de fazer consciência.

MORDOMO

Senhor, o descanso dizem lá que se há-de ter enquanto homem puder, porque os trabalhos, sem os chamarem, de seu se vêm por seu pé, que seu nome é.

MARTIM

Ora pois, Senhor, o auto que tal dizem que é? Porque um auto enfadonho traz mais sono consigo que ùa pregação comprida.

MORDOMO

Senhor, por bom mo venderam e eu o tomei à cala de sua boa fama. E se tal é, eu acho que, por outra parte, não há tal vida como ouvir um vilão que arranca a fala da garganta, mais sem sabor que ùa pera-pão, e ùa donzela que vem mais podre de amor, falando como apóstolo, mais piadosa que ùa lamentação.

MARTIM

Pera estes tais é grande peça rapaz travesso com molho de junco, por que não andem mais ao coscorrão, mais roucos que ùa cigarra, trazendo de si enfadamento.

MOÇO

Olá, Senhoras! Pedem as figuras alfinetes pera toucarem um escudeiro. Ora sus: há i quem dê mais? que ainda vos veja todas a mim às rebatinhas. Ora sus! Venham de mano em mano, ou de mana em mana.

MORDOMO

Moço, fala bem ensinado!

MOÇO

Senhor, não faz ao caso; que os erros por amores têm privilégio de moedeiro.

AMBRÓSIO

Ó rapaz, não me entendes? Pergunto-te se tardarão muito por entrar.

MOÇO

Perece-me, Senhor, que antes que amanheça começarão.

AMBRÓSIO

Oh! que salgado moço! Zombas de mi? Vem cá, Donde és natural?

MOÇO

Donde quer que me acho.

AMBRÓSIO

Pergunto-te onde nasceste.

MOÇO

Nas mãos das parteiras.

AMBRÓSIO

Em que terra?

MOÇO

Toda a terra é ùa; e mais eu nasci em casa assobradada, varrida daquela hora, que não havia palmo de terra nela.

MARTIM

Bem varrido de vergonha que me tu pareces. Dize: Cujo filho és? É pera ver com que desbarate respondes.

MOÇO

A falar verdade, parece-me a mi que eu sou filho de um meu tio.

MARTIM

Vem cá. De teu tio?! E isso como?

MOÇO

Como? Isto, Senhor, é adivinhação que Vossas Mercês não entendem. Meu pai era clérigo, e os clérigos sempre chamam aos filhos sobrinhos; e daqui me ficou a mi ser filho de meu tio.

MARTIM

Ora te digo que és gracioso. Senhor, donde houvestes houveste este?

MORDOMO

Aqui me veio às mãos sem piós nem nada; e eu por gracioso o tomei; e mais tem outra cousa, que ùa trova fá-la tão bem como vós, ou como eu, ou como o Chiado.

AMBRÓSIO

Não! Quant'a disso, nós havemos-lhe de ver fazer algũa cousa, enquanto se vestem as figuras. Ainda que, pera que é mais auto que vermos a este?

MORDOMO

Vem cá, moço: dize aquela trova que fizeste à moça Briolanja, por amor de mi.

MOÇO

Senhor, si, direi; mas aquela trova não é senão pera quem a entender.

MARTIM

Como! tão escura é ela?

MOÇO

Senhor, assi a sei eu escrever e a fiz na memória, porque eu não sei escrever senão com carvão; e porém diz assi:

Por amor de vós, Briolanja,  
Ando eu morto,  
Pesar de meu avô torto.

MARTIM

Oh! como é galante! Que descuido tão gracioso! Mas vem cá: que culpa te tem teu avô nos desfavores que te tua dama dá?

MOÇO

Pois, Senhor, se eu houve de pesar de alguém, não pesarei eu antes dos meus parentes, que dos alheios?

MORDOMO

Pois ouçam Vossas Mercês a volta, que é mais cheia de gavetas que a trombeta do Sereníssimo de la Valla.

MOÇO

A volta, Senhores, é muito funda; e parece-me, Senhores, que nem de mergulho a entenderão. E por isso mandem assoar os engenhos e metam mais ùa sardinha no entendimento; e pode ser que com esta servilha lhe calçará melhor; e todavia palra assi:

Vossos olhos tão daninhos  
Me tratam de feição,  
Que não há em meu coração  
Em que atem dous réis de cominhos.  
Meu bem anda sem focinhos,  
Por vós morto,  
Pesar de meu avô torto.

MARTIM

Ora bem: que têm de ver os cominhos com o teu coração?

MOÇO

Pois, Senhores, coração, bofes, baço e toda a outra mais cabedela, não se podem comer senão com cominhos; e mais, Senhores, minha dama era tendeira; e este é o verdadeiro entendimento.

MARTIM

E aquela regra que diz: «Meu bem anda sem focinhos», me dá tu a entender, que ela não dá nada de si.

MOÇO

Nunca Vossas Mercês ouviram dizer: «Meu bem e meu mal / lutaram um dia; / meu bem era tal, / que meu mal o vencia»? Pois desta luta foi tamanha a queda que meu bem deu entre ùas pedras, que quebrou os focinhos; e por ficarem tão esfarrapados, que lhe não podiam botar pedaço, por conselho dos físicos lhos cortaram por lhe neles não saltarem herpes; e daqui ficou: «Meu bem anda sem focinhos», como diz o texto.

AMBRÓSIO

Tu fazes já melhores argumentos que moços de estudo por dia de S. Nicolau.

MARTIM

Senhor, aquilo tudo é bom engenho: este moço é natural pera lógico.

MOÇO

Quê, Senhor, Natural pera lógea?! Si, mas não tão fria como Vossas Mercês.

MORDOMO

Parece-me, Senhor, que entra a primeira figura. Moço, mete-te aqui por baixo desta mesa, e ouçamos este representador, que vem mais amarlotado dos encontros, que um capuz roxo de piloto que sai em terra e o tira de arca de cedro.

MARTIM

Senhor, ele parece que aprende a cirurgião.

AMBRÓSIO

Mais parece ourinol capado; que anda de amores com a menina dos olhos verdes.

MORDOMO

Enfim, parece figura de auto, em verdade.

(Entra o representador.)

É lei de direito, assaz verdadeira,  
julgar por si mesmos aquilo que vêem;  
Pelo que, se cuidam que zombo de alguém,  
Eu cuido que zombam da mesma maneira.

E assi a qualquer parece que está mais dobrado, sem nenhum conhecer seu próprio engano, por grande que seja. Ora, Senhores, a mim me esquece o dito de ponto em claro; mas não sou de culpar, porque não há mais que três dias que mo deram. Mas em breves palavras direi a Vossa Mercês a suma da obra: ela é toda de rir, do cabo até à ponta. Entrarão logo primeiramente quinze donzelas que vão fugidas de casa de seus pais, e vão com cabazes apanhar azeitona; e trás elas vêm logo oito mundanos, metidos em um covão, cantando: «Quem os amores tem em Sintra»; e depois de cantarem farão ùa dança de espadas, cousa muito pera ver. Entra mais El-Rei D. Sancho, bailando os machatins, e entra logo Caterina Real com uns poucos de parvos nua joeira; e semeá-los-á pela casa, de que nascerá muito mantimento ao riso. E nisto fenecerá o auto, com música de chocalho e bozinas, que Cupido vem dar a ùa alfeoleira a quem quer bem; e ir-se-ão Vossas Mercês cada um pera suas pousadas, ou consoarão cá connosco disso que aí houver Ora pois ficareis «in vanum laboraverunt», porque até'gora zombei de vós, por me forrar do erro da representação, como quem diz: «digo-te, antes que mo digas».

AMBRÓSIO

Ora vos digo, Senhores, que, se as figuras são todas tais, que acertariam em errar os ditos; ainda que me parece que este o não fez, senão a ser mais galante. Mas se assi é, ela é a melhor invenção que eu vi; porque já agora representações, todas é darem por praguentos; e são tão certas, que é melhor errá-las, que acertá-las.

## MORDOMO

Parece-me que entram as figuras de siso. Vejamos se são tão galantes na prática como nos vestidos.

(Entra El-Rei Seleuco, com a Rainha Estratónica.)

## REI

Senhora, dêz que a ventura  
Me quis dar-vos por mulher,  
Me sinto emmeninecer;  
Porque em vossa fermosura  
Perde a velhice seu ser.  
Um homem velho, cansado,  
Não tem força nem vigor,  
Pera em si sentir amor,  
Se não é que estou mudado,  
Com ser vosso, noutra cor.

Muito grande dita tem  
A mulher que é fermosa.

## RAINHA

Senhor, grande; mas porém,  
Se a tal é virtuosa,  
Quer-lhe a Ventura mor bem.

## REI

Si, mas porém nunca vemos  
A Natureza esmerar  
Adonde haja que tachar;  
Que quando ela faz extremas,  
Em tudo quer-se extremar.  
Eu falo como quem sente  
Em vós esta calidade,  
Pelo que vejo presente;  
E se me esta mostra mente,  
Mente-me a mesma Verdade.  
Ûa só tristeza sento  
Que não tem a meninice,  
Que no mor contentamento  
O trabalho da velhice  
Me embaraça o sentimento.

## RAINHA

Senhor, novidades tais



Far-me-ão crer de verdade...

REI

Novidades lhe chamais!  
Folgo, Senhora, que achais  
Na velhice novidades.

RAINHA

Senhor, dias há que sento  
Em o Príncipe Antioco  
Certo descontentamento.  
Dera algũa cousa a troco  
Por saber seu sentimento.

Vejo-lhe amarelo o rosto,  
Ou de triste ou de doente;  
Ou ele anda mal disposto,  
Ou lá tem certo desgosto  
Que o não deixa ser contente.  
Mande, Senhor, Vossa Alteza  
A chamá-lo por alguém;  
Saberemos que mal tem,  
Se é doença de tristeza,  
De que nasce, ou de que vem.

REI

Certo que eu me maravilho  
Do que vos ouço dizer.  
Que mal pode nele haver?  
Ide dizer a meu filho  
Que me venha logo ver.

RAINHA

Se curar não se procura  
Ûa cousa destas tais,  
Vem despois a crescer mais.  
Quando já não se acha cura,  
Toda a cura é por demais.

(Entra o Príncipe Antioco, com seu pagem por nome Leocádio.)

PRÍNCIPE

Leocádio, se és avisado,  
E não te falta saber,  
Saber-me-ás dar a entender:

Quem ama desesperado,  
que fim espera de haver?

PAGEM

Senhor, não.  
Mas porém por que razão  
Lhe avém sabê-lo, ou de quê?

PRÍNCIPE

Pergunto-te a conclusão;  
Não me perguntes porquê.

Porque é minha pena tal,  
E de tão estranho ser,  
Que me hei-de deixar morrer;  
E por não cuidar no mal,  
O não ousar de dizer.  
Que maneira de tormento  
Tão estranho e evidente,  
Que nem cuidar se consente!  
Porque o mesmo pensamento  
Há medo do mal que sente.

PAGEM

Não entendo a Vossa Alteza,

PRÍNCIPE

Assi importa à minha dor.

PAGEM

E por que razão, Senhor?

PRÍNCIPE

Pera que seja a tristeza  
Castigo do meu temor.  
Porque ordena  
O Amor, que me condena,  
Que se haja de sentir,  
E sem dizer nem ouvir.  
Bem-aventurada a pena  
Que se pode descobrir!

Oh! caso grande e medonho!  
Oh! duro tormento fero!

Verdade é isto que eu quero?  
Não é verdade, mas sonho  
De que acordar não espero.  
Quero-me chegar a El-Rei  
Meu pai, que já me está vendo.  
Mas onde vou? Não me entendo.  
Com que olhos eu olharei  
Um pai a quem tanto ofendo?

Que novo modo de antolhos!  
Porque neste atrevimento  
Devera meu sentimento  
Pera ele não ter olhos,  
Nem pera ela pensamento.

(Chega aonde está El-Rei.)

REI

Filho, como andais assi?  
Que tanto desgosto tomo  
De vos ver como vos vi!

PRÍNCIPE

Não sei eu tanto de mi,  
Que possa saber o como.

Dias há já, Senhor, que ando  
Mal disposto, sem saber  
Este mal que possa ser;  
Que se nele estou cuidando,  
Quase me vejo morrer.

REI

Pois, filho, será razão  
Que meus físicos vos vejam.

PRÍNCIPE

Os físicos, Senhor, não;  
Que os males que em mi estão,  
São curas que me sobejam,

RAINHA

Deite-se; que na verdade  
Um corpo, deitado e manso,  
Descansa à sua vontade.

PRÍNCIPE

Senhora, esta enfermidade  
Não se cura com descanso.

RAINHA

Todavia, bom será  
Que lhe façam ùa cama.

PRÍNCIPE

Um coxim abastará,  
(Que assi não descansará  
O repouso de quem ama).

REI

Vamos, filho, pera dentro,  
Enquanto a cama se faz.  
Repousai como capaz;  
Que a mi me dá cá no centro  
A pena que assi vos traz.

(Vão-se, e vem ùa Moça a fazer a cama, e diz)

MOÇA

Mimos de grandes Senhores  
E suas extremidades.  
Me hão-de matar de amores,  
Porque de meros dulçores  
Adoecem.  
Então logo lhe parecem  
Aos outros que são mamados;  
E os que são mais privados,  
Sobre eles estremezem.

Certo (e assi Deus me ajude!)  
Que são muito graciosos,  
Porque de meros viçosos,  
Não podem com a saúde.  
Mas deixá-los,  
Porque eles darão nos valos,  
Donde mais não se erguerão,  
Inda que lhe dêem a mão  
Os seus privados vassalos.

(Entra um porteiro da cana, e bate primeiro e diz)

PORTEIRO

Trás, trás, trás!

MOÇA

Jesu! Quem está aí?

PORTEIRO

Já vós, mana, éreis mamada.  
Pera vos levar furtada  
Nunca tal ensejo vi.  
E vós estais descuidada!

MOÇA

E meus descuidos que fazem?

PORTEIRO

Vossos descuidos, cadela?  
Ah! minha alma! Sois tão bela,  
Que esses descuidos me trazem  
Dous mil cuidados à vela.

Pois sou vosso há tantos anos,  
Mana, tirai os antolhos  
E vereis meus tristes danos.

MOÇA

Não tendeis esses enganos.

PORTEIRO

Nem vós tendeis esses olhos;  
Que de vossos olhos vem  
Esta minha pena fera.

MOÇA

De meus olhos?!

PORTEIRO

Assi era.  
Moça que tais olhos tem,  
Nenhuns olhos ver de vera.

MOÇA

E porquê?

PORTEIRO

Porque cegais  
A quantos olhos olhais,  
Posto que por vós padecem.  
Olhos que tão bem parecem,  
Porque não nos castigais?

MOÇA

Deus dê siso, pois de vós  
Tirou o que aos outros deu.

PORTEIRO

Desatai-me lá esses nós.  
Que mais siso quero eu,  
Que não ter siso por vós?

MOÇA

Falais de arte; eu vos prometo  
Que a resposta vem à vela.

PORTEIRO

Isso é olho de panela.

MOÇA

Quanto há já que sois discreto?

PORTEIRO

Quanto há já que vós sois bela?

MOÇA

Dais-me logo a entender  
Que eu sou feia, a meu ver.

PORTEIRO

E isso porque o entendeis?

MOÇA

Porquê? Porque me dizeis  
Que só de meu parecer  
Vos procede o que sabeis.

PORTEIRO

É verdade.  
MOÇA

Pois bem sento  
que o vosso saber é vento,  
Fica a cousa declarada,  
Meu parecer não ser nada.

PORTEIRO

Olhai aquele argumento!  
Além de bela, avisada!  
Oh! nem tanto, nem tão pouco!  
Vede vós o que falais.

MOÇA

Cego no saber andais.

PORTEIRO

No siso, mas não tão louco  
Como vós, mana, cuidais.

Ora dizei, duna má:  
que não amais quem vos ama?

MOÇA

Ouvistes vós cantar já  
"Velho malo, em minha cama"?  
Já me entendereis.

PORTEIRO

Ah, ah...  
Senhora, estais enganada;  
Que com ùa capa e espada,  
E com este capuz fora...

MOÇA

Ora bem: tirai-o ora,  
E fazei ùa levada.

PORTEIRO

Não: se me eu hoje alvoroço,  
Achar-me-eis de outra feição.

Aqui tira o capuz e diz

PORTEIRO

Tenho má disposição?  
Estas obras são de moço,  
Se as mostras de velho são.

MOÇA

Tendes mui gentis meneios.

PORTEIRO

Não, Senhora? Faço extremos,

MOÇA

Passeai ora, veremos  
Se tendes tão bons passeios.

PORTEIRO

Tudo, Senhora, faremos.

MOÇA

Virai ora a essoutra mão.

PORTEIRO

Esta disposição, vede-a,  
Que tenho gentil feição.

MOÇA

Tendes vós mui boa rédea.  
Sofreis ancas?

PORTEIRO

Isso não.



MOÇA

Por certo que tendes graça  
Em tudo quanto fizerdes,  
Fazei mais o que souberdes.

PORTEIRO

Não sei cousa que não faça,  
Senhora, por me quererdes.

MOÇA

Tendes vós muito bom ar.

PORTEIRO

Mais que isto faz quem quer bem.

MOÇA

I-vos asinha, que vem  
O Príncipe a se deitar.

PORTEIRO

Nunca ùa pessoa tem  
Ùa hora pera falar!

(Entra o Príncipe com o seu pagem Leocádio, e diz)

PRÍNCIPE

Seja a morte apercebida  
Porque já o Amor ordena  
A dar a meu mal saída,  
Porque o fim da minha vida  
O seja da minha pena.

Não tarde, pera tomar  
Vingança de meu querer,  
Pois não se pode dizer  
Que não tem já que esperar  
Nem com que satisfazer.  
Os físicos vêm e vão,  
Sem saberem minhas mágoas,  
Nem o pulso me acharão;  
E se o querem ver nas águas  
As dos olhos lho dirão.

Se com sangrias também  
Procuram ver-me curado,  
O temor de meu cuidado  
O mais do sangue me tem  
Nas veias todo coalhado.  
quero-me aqui encostar,  
Que já o espírito me cai.  
Leocádio, vai-me chamar  
Os músicos de meu Pai;  
Folgarei de ouvir cantar.

(Assi se deita, como que repousa, e fala dizendo assi:)

Senhora, qual desatino  
Me trouxe a tanta tristura?  
Foi, Senhora, por ventura  
A força do meu destino,  
Como vossa fermosura.  
Bem conheço que não posso  
Ter tão alto pensamento;  
Mas disto só me contento,  
Que se paga com ser vosso  
O mor mal de meu tormento.

(Entram os músicos, e diz Alexandre da Fonseca, um deles:)

ALEXANDRE

Senhor, de que se acha mal  
O Príncipe, ou que mal sente?

PAGEM

Senhor, sei que está doente;  
Mas sua doença é tal,  
Que entender se não consente.  
Os físicos vêm e vão,  
Uns e outros a meúde,  
Sem o poderem dar são.  
Quanto mais cura lhe dão,  
Então tem menos saúde.

O Pai anda em sacrifícios  
Aos deuses, que lhe dêem  
A saúde que convém;  
Dizendo que por seus vícios  
O mal a seu filho vem.  
Eu suspeito que isto são  
Alguns novos amorinhos,

Que terá no coração.

ALEXANDRE

Amores! com quem serão,  
que lha não dêem de focinhos?

PORTEIRO

Senhores, que lhe parece  
Da doença de Antioco...?

ALEXANDRE

Diga-lhe quem lha conhece.

PAGEM

Que toma morrer a troco  
De calar o que padece.

PORTEIRO

Isso é estar emperrado  
Na doença, que é pior.  
Têm-no os físicos curado?

ALEXANDRE

"Oh! que de mal del amor  
No há, Señor, sanador."

PORTEIRO

Falais como exprimentado,  
Que eu cuido que esta fadiga,  
Que o faz com que desespere  
"Y por más tormento quiere  
Que se sienta, y no se diga".

ALEXANDRE

Pois, Senhor meu, isso assele,  
Porque a pena que sabeis  
Que eu cuido que está nele,  
Dar-lhe-á penas cruéis,  
"Pues no hay quien la consuele."

PORTEIRO

Folgo, porque me entendeis.

PAGEM

Hemo-nos, Senhores, de ir,  
Porque nos está esperando.

PORTEIRO

Pois eu também hei-de ir,  
Que não me posso espedir  
Donde vejo estar cantando.

PRÍNCIPE

Cantai, por amor de mi,  
Algũa cantiga triste;  
Que todo meu mal consiste  
Na tristeza em que me vi.

PORTEIRO

Mande-lhe cantar um chiste.

ALEXANDRE

Chiste não, que é desonesto,  
E não tem esses extremos  
Outro canto mais modesto;  
Porém não sei que diremos.

PAGEM

"Gonleão o dirá presto."

PORTEIRO

Dá licença Vossa Alteza  
Que diga minha tenção?

PRÍNCIPE

Dizei: seja em canto-chão.

PORTEIRO

Pois crede que é sutileza,  
Que os Anjos a comerão.  
Digam esta:

Enforquei minha esperança,  
E o Amor foi tão madraço,  
Que lhe cortou o baraço.

ALEXANDRE

Não me parece essa boa.

PORTEIRO

Haja eu perdão...

ALEXANDRE

Porque não na entenderão

PORTEIRO

Entender! Bofá, que é boa!  
Não lhe caís na feição?

ALEXANDRE

Dizei ora outra melhor,  
Com que nos atarraqueis.

PORTEIRO

Ora esperai e ouvireis.  
Se a esta não dais louvor  
Quero que me degoleis.

Cantiga:

Com vossos olhos Gonçalves,  
Senhora, cativo tendes  
Este meu coração Mendes.

ALEXANDRE

Essa parece mui taibo,  
Porque mostra bom indício.

PORTEIRO

Vós cuidareis que eu que raivo.

ALEXANDRE

Todavia tem mau saibo.

Ora mal lhe corre o ofício.

PRÍNCIPE

'Tá, não vá mais por diante  
A zombaria, que é má.  
Cantai qualquer delas já,  
Que esse porteiro é galante,  
Ninguém o contentará.

(Aqui cantam, e em acabando, diz o)

PAGEM

Parece que adormeceu.

PORTEIRO

Pois será bom que nos vamos.

ALEXANDRE

Senhor, quer que nos vejamos?

PORTEIRO

Senhor, vir-me-á do Céu.  
Releva-me que o façamos.

(Entra a Rainha com a sua criada por nome Frolalta, e diz)

RAINHA

Frolalta, como ficava  
Antioco em te tu vindo?

FROLALTA

Ficava-se despedindo  
Da vida que então levava,  
E assi seus dias cumprindo.

RAINHA

Oh! grave caso de amor!  
Desesperada afeição!  
Oh! amor sem redenção  
Que ali te fazes maior  
Onde tens menos rezão!  
No mais alto e fundo pego

Ali tens maior porfia.  
Rezão de ti não se fia.  
Quem a ti te chamou cego,  
Mui bem soube o que dizia.  
Por ventura ia chorando?

FROLALTA

Chorando ia e chamando  
Ao Amor "Amor cruel";  
E em, Senhora, se deitando  
Lhe caiu este papel.

RAINHA

Que papel?

FROLALTA

Este, Senhora.

RAINHA

Amostra, que quero lê-lo.  
Agora acabo de crê-lo;  
Que ao que mostra por fora  
Aqui lhe lançou o selo.

(Aqui lê o papel, e diz)

RAINHA

Oh! estranha pena fera!  
Desditosa vida cara!  
Oh! quem nunca cá viera  
E com seu Pai não casara,  
Ou em casando morrerá!

FROLALTA

Ainda que eu peça sam,  
Senhora, tudo bem vejo.  
Atente, que, na eleição,  
O que lhe pede o desejo,  
Não consente o coração.

RAINHA

Frolalta, pois que és discreta  
Nada te posso encobrir;

Porque, se queres sentir,  
A ùa mulher discreta  
Tudo se há-de descobrir.  
O dia que entrei aqui,  
Que a Seleuco recebi,  
Logo nesse mesmo dia  
No Príncipe, filho, vi  
Os olhos com que me via.

Este princípio sofri-lho,  
Pera ver se se mudava;  
Antes mais se acrescentava.  
Eu amava-o como filho,  
E ele de outr'arte me amava.  
Agora vejo-o no fim  
Por se me não declarar.  
E pis já que a isso vim,  
A morte que o levar,  
Me leve também a mim.

Porque já que minha sorte  
Foi tão crua e desabrida,  
Que me não quer dar saída,  
Sejamos juntos na morte,  
Pois o não somos na vida.  
Oh! quem me mandou casar  
Pera ver tal crueldade!  
Ninguém venda a liberdade,  
Pois não pode resgatar  
Onde não tem a vontade,

Que não há mor desvario,  
Que o forçado casamento  
Por alcançar alto assento;  
Que, enfim, todo o senhorio  
Está no contentamento.  
Não sei se o vá ver agora,  
Se será tempo conforme,  
Ou se imos a desora.

FROLALTA

Despois iremos, Senhora,  
Que agora dizem que dorme.

(Entra o Físico a tomar-lhe o pulso, e, tomando-o diz)

FÍSICO

Su madraستا oyó nombrar,



Y el pulso se le alteró.  
Esto no entiendo yo,  
Porque para le alterar  
El corazón le obligó.  
Pues que el corazón se altere,  
Es porque en un momento  
Algun nuevo vencimiento  
De afición terrible le hiere,  
Que causa tal movimiento.

Pues que afición cabe así  
Con madrastra? Digo yo,  
Dos razones hay aquí:  
La una dice que sí  
La otra dice que no.  
Empero yo determino  
De exprimentar la verdad  
Y hacer una habilidad,  
que declare es agua o vino  
Esta su enfermedad.

Porque toda esta mañana  
Tengo estudiado su mal,  
Sin ver causa efectual  
De su dolencia inhumana,  
Ni otra de su metal.  
Llamar quiero este asnejón;  
Mas aun debe de dormir,  
Segun que es dormilón.

Ó Sancho! ó Sancho!

SANCHO

Ah Señor!

FÍSICO

Ea, aun estás dormiendo?

SANCHO

Estoyme, Señor, vistiendo.

FÍSICO

Pues, vellaco y sin sabor,  
No me respondes dormiendo?  
Vestios presto, ladrón!  
Oh que mozo, y que ventura!

SANCHO

(Mas que amo y que cabrón!)  
Embieme acá el ropón  
Que no hallo mi vestidura.

FÍSICO

Que embie el ropón acá?!  
Parece que os desmandais.

SANCHO

Que vaya, Señor, Ah, ah!

(Entra o Moço embrulhado em ùa manta)

Que buenos dias hayais.

FÍSICO

Dí como vienes assí  
Con la manta, y para qué?

SANCHO

Yo, Señor, se lo diré:  
Por venir presto vestí  
Lo que más presto me hallé.

Porque viendo que él me llama,  
Dormiendo yo sin afán,  
Salté presto de la cama,  
Que parezco un gabilán,  
Hermoso como una dama.

FÍSICO

Mas es tu bovedad tanta,  
que vienes desa fación?

SANCHO

De mí vestido se espanta?  
De noche sirve de manta,  
Y de día de ropón.

FÍSICO

Embióme El-Rey á llamar  
Otra vez.

SANCHO

Y a mí?

FÍSICO

Y a tí?!

SANCHO

Y él que presta ailá sin mí?

FÍSICO

Qué puedes tu aprovechar?

SANCHO

Yo se lo diré de aqui:  
Si por la ventura quiere  
Para que le dé consejo,  
Cuando doliente estuviere;  
Digo: coma, si pudiere,  
Y beba buen viño anejo.

Porque este es el licor  
Que dá fuerza y es sabroso;  
Que segun dicen, Señor,  
"Vinum laetificat cor  
Hominis"; y le es provechoso.

FÍSICO

Ya sabes la medicina,  
que Avicena nos refiere.

SANCHO

Pues, Señor, porque es divina.  
Pero El-Rey que le quiere,  
Que manda, o qué determina?

FÍSICO

El Príncipe está doliente.

SANCHO

Oh! mesquiño! Y que mal ha?

FÍSICO

Y a tí , necio, que te vá?

SANCHO

Oh Señor, que es mi pariente!

FÍSICO

Gracioso el bovo está.  
Y pues díme, por tu fé;  
Llorarás si se muriere?

SANCHO

[No, Señor] , no lloraré;  
Empero, Señor, haré  
La peor cara que pudiere.

FÍSICO

Ea, bova, vé corriendo,  
Y ensilla la mula ayna.

SANCHO

Véngala ensillar mejor.

FÍSICO

Oh velhaco y sin sabor!

SANCHO

Yo por cierto no lo entiendo.  
Pero una melecina  
Le hé de pedir, Dios queriendo,  
(Porque ando atribulado,  
Y no sé parte de mi  
Con este nuevo cuidado)  
Para un sayo esfarrapado,  
Que me dicen hay allí.

FÍSICO

Ora ensilla; y nunca viva,

Pues sufro tus desatinos.

SANCHO

Señor, pasión no reciva:  
"Ya cavalga Calaynos  
A la sombra de una oliva".

(Aqui sai bolindo com a almofada, e acorda o Príncipe, e diz)

PRÍNCIPE

Oh! bela vista e humana,  
Por quem tanto mal sustento!  
Oh! Princesa soberana!  
Como? nos braços vos tenho,  
Ou este sonho me engana?

Pois como, sonho, também  
Me queres vir magoar?  
E pera me atormentar  
Mostras-me a sombra do bem  
Pera. assi mais me enganar?  
Assi que, com quanto canso,  
Já não posso achar atalho,  
Pois que o sono quieto e manso,  
Que os outros têm por descanso  
Me vem a mi por trabalho.

Pois há i tantos enganos  
Que condenam minha sorte,  
Não o tenho já por forte,  
Se à volta de tantos danos  
Viesse também a morte.

(Aqui entra El-Rei com o Físico, e diz)

REI

Andai e vede se achais  
O rasto deste segredo,  
que me dizem que alcançais  
Ainda que tenho medo  
Que lhe seja por demais.

FÍSICO

Plega à Dios que aquesto sea  
Para salud y remedio  
Desta dolencia tan fea.

Yo buscaré todo el medio,  
que presto sano se vea.

(Aqui lhe toma o Físico o pulso)

Aflojen, Señor, sus ais.  
Como se halla en su penar?

PRÍNCIPE

Como me acho, perguntais?  
E como se pode achar  
Quem sempre se perde mais?

FÍSICO

(La respuesta abre el camino).  
Imagina de contino?

PRÍNCIPE

Não tenho outro mantimento,  
Nem outro contentamento,  
Senão o em que imagino.

(Aqui entra a Rainha, e diz)

RAINHA

Como se sente, Senhor?  
Tem a febre mais pequena?

PRÍNCIPE

Responda-lhe minha pena.

FÍSICO

(Conocido es su dolor...  
Ora sea en hora buena!

Tomada está la tristeza  
A las manos, que sentió.  
Usaré de sutileza).

(Diz contra El-Rei)

Cúmple-me que solo yo  
Platique con Vuestra Alteza.

REI

Cheguemo-nos pera cá.

RAINHA

Não deve desesperar,  
Que enfim, se bem atentar,  
Pera tudo o tempo dá  
Tempo pera se curar.

PRÍNCIPE

Que cura poderá ter  
Quem tem a cura, Senhora.  
No impossível haver?

RAINHA

Ficai-vos, Senhor, embora,  
que vos não sei responder.

(Vai-se a Rainha. e diz)

REI

Neste mal que não compreendo,  
Que meio dais de conselho?

FÍSICO

Señor, nada entiendo dello;  
Y supuesto que lo entiendo,  
Yo quisiera nó entendello.

REI

Porquê?

FÍSICO

Porque tengo entendido  
Lo más malo de entender,  
Para lo que puede ser;  
Porque anda, Señor, perdido  
De amores por mi muger.

REI

Santo Deus! Quê! Tal amor

Lhe dá doença. tão fera?!  
Que remédio achais melhor?

FÍSICO

Forçado será que muera,  
Porque no muera mi honor.

REI

Pois como! A um só herdeiro  
Deste Reino não dareis  
Vossa mulher, pois podeis,  
Que tudo faz o dinheiro?!  
Pois este não o enjeiteis;  
Dai-lha, porque eu espero  
De vos dar dinheiro e honra,  
Quanto eu pera ele quero.

FÍSICO

No tira el mucho dinero  
La mancha de la deshonra.

REI

Ora bem pouco defeito  
É pequice conhecida,  
Quando deixa de ser feito,  
Porque com ele dais vida.  
A quem vos dará proveito.

FÍSICO

Cuán facilmente aporfia  
Quien en tal nunca se vió!  
Del consejo que me dió,  
Vuestra Alteza que haria,  
Si agora fuese yo?

REI

A mulher que eu tivesse  
Dar-lha-ia. Oxalá  
Que ele a Rainha quisesse!

FÍSICO

Pues déla; si le parece,  
Que por ela muerto está.



REI

Que me dizeis!

FÍSICO

La verdad.

REI

Sem dúvida, tal sentiste?

FÍSICO

Sin duda, sin falsedad.  
Pues, Señor, ahora tomad  
Los consejos que me distes.

REI

Certamente, que eu o via  
Em tudo quanto falava.  
Como o vistes? Por que via?

FÍSICO

Nel pulso, que se alterava,  
Si la via, ó si la oía.

REI

Que maneira há-de haver?  
Que eu certo me maravilho,  
Possa, mais o amor do filho,  
Do que pode o da mulher!  
Finalmente hei-lha de dar,  
Que a ambos conheço o centro.  
Quero-o ir alevantar,  
E iremos pera dentro.  
Neste caso praticar.

(Diz contra o Príncipe)

Levantai-vos, filho, di,  
O melhor que vós puderdes,  
E vinde-vos pera aqui;  
Porque, enfim, o que quiserdes  
Tudo haveis de mi.

PAGEM

Ah! Senhores, houlá! hou!

PORTEIRO

Viestes em conjugção  
A melhor que pode ser.  
Haveis aqui de fazer  
A trosquia a um rifão.

PAGEM

Deixai-me, Senhor, dizer;  
Haveis isto de acabar:  
"Coração, i bugiar,  
No esteis preso en cadenas,  
Que pois o amor vos deu penas,  
Que vos lanceis a voar".

PORTEIRO

por certo que bem coprou.

PAGEM

Ora sabeis o que vai?  
Antioco que casou  
Com a mulher de seu Pai,  
E o mesmo Pai o ordenou.

PORTEIRO

Isso como?

PAGEM

Não o sei;  
Porque dizem que a amava,  
E que só por ela andava  
Pera morrer; e El-Rei  
Deu-a a quem a desejava.

PORTEIRO

Se o casa por querer bem  
Com a moça, a quem ele ama,  
Direi eu que a mi se inflama  
O amor mais que a ninguém.

PAGEM

Pois pedi-lhe a vossa dama.

PORTEIRO

Por São Gil, que ei-los cá vêm,  
Ele pela mão com ela.

(Entra El-Rei e Antioco com a Rainha pela mão, e diz)

REI

Que mais há i que esperar?  
Olhai que estranheza vai  
O muito amor ordenar:  
Ir-se o filho namorar  
De ùa mulher de seu Pai!

Querer bem foi sua dor,  
Negar-lha será crueldade;  
Assi que já foi bondade  
Usar eu de tal amor,  
E de tal humanidade.  
Ela deixou de reinar  
Como fazia primeiro,  
Por se com ele casar;  
E por amor verdadeiro  
Tudo se pode deixar.

Eu que nela tinha posto  
Todo o bem de meu cuidado,  
Deixei mais que ela há deixado;  
Que mais se deixa no gosto,  
que no poderoso estado.  
Mas já que tudo isto vemos,  
Hajam festas de prazer,  
As que melhor possam ser,  
Porque em tão grandes extremos,  
Extremos se hão-de fazer.

Hajam cantos pera ouvir,  
Jogos, prazeres sem fundo;  
Porque, se quereis sentir,  
Deste modo entrou o mundo,  
E assi há-de sair.

(Aqui vêm os músicos e cantam, e depois de cantarem saem-se todas as figuras,  
e diz)

## MARTIM CHINCHORRO

Ora, Senhor, tomemos também nosso pandeiro e vamos festejar os noivos; ou vamos consoar com as figuras, porque me parece que esta é a mor festa que pode ser. Mas espere V. M.: ouviremos cantar, e na volta das figuras nos acolheremos. Moço, acende esse molho de cavacos, porque faz escuro, não vamos dar connosco em algum atoleiro, onde nos fique o ruço e as canastras.

## ESTÁCIO DA FONSECA

Não, senhor, mas o meu Pilarte irá com eles com um par de tições na mão; e perdoem o mau gasalhado. Mas daqui em diante sirvam-se desta pousada; e não tenham isto por palavras, porque essas e plumas, o vento as leva.